

UM TOUR PELA COLÔNIA: DIÁLOGOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS NO 7º DISTRITO DE PELOTAS

ELIANA MENEZES DE SOUZA¹; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES²;
VAGNER BARRETO RODRIGUES³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – eliana-menezes2010@bol.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – vagnerbarreto1991@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br - orientadora

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado na região do 7º Distrito do município de Pelotas-RS, onde se encontra o Museu da Colônia Francesa – atualmente gerido pela Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação do professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira. A ideia da criação desse espaço surgiu em 2005, por uma demanda da comunidade que desejava um local que reunisse as histórias e as memórias dos moradores.

Atualmente, está sendo realizada uma pesquisa envolvendo não apenas a comunidade da Colônia Francesa, mas, também, as populações do entorno do Museu, com a intenção de aproximar essas comunidades e perceber as relações existentes entre elas. É importante destacar que esse local possui diversas particularidades, sendo possível encontrar descendentes de quilombolas, de franceses, de italianos e de alemães.

Durante o primeiro semestre de 2016, foi promovida uma ação de extensão que objetivou o diálogo entre diferentes grupos por meio de uma visita técnica, voltada para apresentar, valorizar e documentar narrativas e locais de memórias sugeridas pelos moradores das diversas comunidades que compõem o distrito. A ação foi pensada de forma a possibilitar que, a partir da mediação, integrantes dessas comunidades dialogassem entre si e com alunos e alunas da UFPEL. O tour foi pensado e planejado pelos interlocutores de forma a apresentar os pontos importantes de cada região, bem como algumas narrativas sobre os locais selecionados.

Como parte importante da ação, foi feita a documentação e o registro dessas memórias, o que resultou em um vídeo curta-metragem, intitulado Roteiros Etnográficos: Um tour pelas colônias de Pelotas. A filmagem foi realizada por Vagner Barreto e a edição e roteiro por Guilherme Rodrigues, alunos do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), orientados pela professora Dra. Louise Prado Alfonso.

O vídeo, contendo a imagem das pessoas e seus lugares de memória, torna-se importante instrumento de restituição do trabalho, pois justifica e materializa aos interlocutores as nossas intenções enquanto universidade. E a imagem é mais que um registro, uma documentação: é uma ferramenta potente de relação, que desperta emoções, sentimentos, pois através dela é evidenciado aquele lugar ou objeto de representação pessoal de cada um, e então se percebe o valor e apreço que a pessoa possui em relação a tudo aquilo que ela mostrou. Logo, o vídeo é de extrema importância enquanto instrumento mediador de diálogos entre as comunidades, e com a própria universidade.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho foi organizado em cinco etapas, distribuídas da seguinte forma:

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a diversidade étnica e cultural que compõe o 7º Distrito de Pelotas. A Segunda etapa esteve relacionada ao contato com os representantes das comunidades para que os mesmos selecionassem os locais de memória e construíssem um roteiro para a visita técnica. A terceira etapa envolveu a visita técnica em si e a filmagem das narrativas e dos pontos representativos de memórias escolhidos pelos integrantes de cada comunidade.

A quarta etapa esteve relacionada à elaboração do curta-metragem. O roteiro do vídeo foi pensado a partir das histórias e memórias das pessoas com as quais tivemos contato durante a visita técnica, valorizando-as e tornando-as protagonistas da narrativa videográfica. O intuito é mostrar os lugares os quais nos foram apresentados pelos interlocutores, bem como suas próprias falas, o que potencializa as imagens a um grau relevante de identificação, fazendo com que cada pessoa protagonista do momento se sinta representada e se aproprie deste material como sendo seu.

A última etapa foi a apresentação do vídeo no evento de comemoração do aniversário do Museu da Colônia Francesa. Enquanto compromisso ético e moral, sempre se faz necessária a restituição da imagem às pessoas que contribuíram para sua construção. Isso também faz parte da etapa de uma edição colaborativa, pois através das críticas e sugestões dos próprios “atores” desse pequeno vídeo, podemos fazer as devidas modificações, para a entrega da versão final.

O trabalho junto às comunidades teve como um de seus princípios metodológicos a história oral. A História Oral trata-se de um espaço de contato interdisciplinar com atenção a eventos e elementos que possibilitem, por meio da oralidade, destacar a visão e da versão da experiência e vivência dos atores sociais (Amado, 1996, p. 16). Os princípios da História Oral guiaram as ações junto às lideranças locais, bem como as ações dentre mediadores e visitantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa foi o levantamento bibliográfico que indicou a existência de comunidades formadas por descendentes de quilombolas, de franceses, de italianos e de alemães no 7º Distrito de Pelotas. Os resultados da pesquisa ressaltaram a diversidade étnica e cultural que constitui esse território. Identificadas essas comunidades, foi feito o contato com as lideranças locais para que estas indicassem alguns pontos representativos de memória e elaborassem o roteiro de visitação. Esta etapa envolveu diálogo constante com as lideranças.

A visita técnica, realizada no dia 22 de maio de 2016, envolveu um grupo de 10 alunos da Universidade Federal de Pelotas dos cursos de doutorado, pós-graduação e graduação em museologia, história e antropologia, uma professora de antropologia e a participação de representantes das comunidades visitadas. Do Alto do Caixão tivemos dois representantes, da Colônia Maciel dois representantes, no Bachini quatro representantes e na Colônia Francesa dois representantes que falaram da importância dos pontos de memória escolhidos para a visitação.

O tour foi iniciado na comunidade de remanescentes quilombolas. O senhor João Nogueira e o Charles Silva apresentaram para o grupo a estrutura apontada nas narrativas dos moradores como a antiga cadeia de escravos, localizada no porão de uma casa colonial. Também foi visitado um cemitério não oficial, localizado em um bosque de vegetação nativa onde, segundo relatos dos interlocutores, eram feitos enterramentos em covas rasas. Vale destacar que o

local é temido por grande parte dos moradores da região e foram mencionadas histórias de aparições de vultos e fantasmas naquele espaço.

A segunda comunidade visitada foi a dos descendentes italianos. Os interlocutores Pe. Luiz Capone, Maria Dias e Fabiano Neis escolheram como locais de memória o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, a Igreja Sant'Ana e o Museu Gruppelli. Nesse roteiro foi relevante perceber que os lugares de destaque, considerados importantes para a comunidade, ressaltaram a religiosidade e a gastronomia, elementos recorrentes nas narrativas sobre aquele local e sobre a imigração italiana em Pelotas. O Museu Gruppelli, que possui também uma cantina, é um local movimentado aos finais de semana e atrai muitos turistas e moradores de Pelotas. A escolha dos Museus favoreceu um diálogo entre os diferentes museus coloniais do município.

A terceira comunidade visitada foi a dos descendentes de alemães. Elias Konradt, Ernesto Konradt Sobrinho, Lindolfo Klug Konradt e Orlandina Medeiros Konrat escolheram a Igreja do Sino e o cemitério da comunidade. Novamente se destaca a religiosidade e os laços de família e parentesco. Por se tratar de um cemitério da comunidade, muitos dos interlocutores possuem parentes enterrados no local, logo a relação do espaço com as memórias é realizada de forma emocionada, remetendo-os aos entes queridos que ali estão.

A quarta, e última, comunidade visitada foi a de descendentes franceses. Gilberto Ebersol e José Antônio Radman optaram por apresentar o Museu da Colônia Francesa. Nessa visita, foi possível perceber as questões geracionais agenciadas pelo Museu, visto que uma das preocupações dos interlocutores mais velhos era a preservação da cultura material e das memórias locais para as gerações mais novas. Nesse local foi dado destaque para as narrativas, especialmente dos moradores mais velhos e para a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos para os jovens.

Como apresentado anteriormente, as narrativas sobre cada um dos pontos foram filmadas e originaram um vídeo curta-metragem. A prioridade, no momento da edição, é apresentar o que as pessoas da comunidade contavam sobre os locais, valorizando as histórias que compunham suas vidas e os lugares de memória. Assim, no vídeo é mostrada a antiga cadeia dos escravos, o cemitério quilombola de covas rasas (localizado no meio da vegetação nativa), a Igreja do Sino, o cemitério alemão, o museu da Colônia Maciel, a igreja católica do mesmo local (Sant'Ana), o museu da família Gruppelli, e por fim, o museu da Colônia Francesa, na Vila Nova. Tudo isso “costurado” pela interação dos universitários durante a visita e pelas imagens do ônibus em movimento pelas estradas rurais, dando esse caráter de “tour pela colônia”. A duração do curta-metragem ficou no entorno de 10 minutos, com o título: “Roteiros Etnográficos: Um tour pelas colônias de Pelotas”.

Este vídeo foi apresentado para os interlocutores e para diversos moradores da região no dia 16 de julho de 2016, no evento de comemoração do aniversário de nove anos do Museu da Colônia Francesa. Foi organizada uma confraternização, regada a salgadinhos, bolos e chás, para recepção das pessoas.

A comunidade se mostrou muito receptiva ao resultado do vídeo, e agradeceu a oportunidade de devolução das imagens, pois falaram quem há muitas produções imagéticas que raramente retornam a eles, nem mesmo possuem conhecimento para onde exatamente elas podem ser encontradas. As discussões realizadas sobre o vídeo, saiu a ideia de uma possível mostra visual, um dia de apresentações de vídeos e fotografias realizadas nas colônias de Pelotas, reunindo os vizinhos e amigos para tal evento. Nosso grupo filmou e

fotografou este dia de restituição e estas imagens irão compor a versão final do vídeo elaborado, ficando assim no mesmo material um panorama completo das ações desse projeto. Após as edições finais, faremos a entrega em DVDs e disponibilizaremos em ambiente virtual, via internet. Sendo assim, esta se trata apenas da primeira ação de restituição que segue em andamento. Outra forma de restituição será a montagem da mostra de vídeos.

4. CONCLUSÕES

Ao fazer uso da História Oral foi possível identificar paradigmas de comportamento, e uma combinação de modos de vida dos narradores, por meio das memórias, mas, também, por meio dos silenciamentos dos interlocutores. O trabalho realizado possibilitou o reconhecimento e valorização dos pontos de memória e narrativas da região do 7º distrito, a integração dos museus coloniais e sua aproximação com as comunidades.

Por meio do vídeo foi possível apresentar imagetivamente esses locais, localizando esse conhecimento no tempo e no espaço. E, como se trata de algo construído a partir de uma demanda local, o objetivo é a apropriação deste material por estas comunidades, tornando possível que seja apresentado em outras ocasiões, estimulando a autônoma dos mesmos sobre seus bens culturais.

Enquanto projeto de extensão universitária, compreendemos que este trabalho cumpriu seu objetivo. Conseguimos realizar uma ação em que a universidade e a comunidade estiveram (e estão) em constante relação, diálogo e aproximação, nos mostrando sensíveis às pautas e demandas locais, bem como atendendo-as dentro de nossas possibilidades. Com este trabalho, é possível perceber a importância da restituição das pesquisas acadêmicas aos interlocutores. E isso não significa devolver apenas um trabalho teórico, impresso em algumas dezenas de páginas, mas sim devolver algo que, de preferência, seja produto de uma demanda local, ou que se perceba em campo, como foi o caso do vídeo, o qual apresenta os lugares em que nasceram, cresceram e vivem até hoje, destacando o imenso valor afetivo para cada pessoa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. F. M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BETEMPS, L. R. **Vinhos e doces ao som da marsehesa**: um estudo sobre os 120 anos da tradição francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS. Pelotas. EDUCAT, 2006.
- BETEMPS, L. R.; VIEIRA, M. A. Turismo pela história da colonização no sul do Rio Grande do Sul: O caso das Colônias Francesa e Municipal de Pelotas/RS. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v.2, n.2, p. 1 – 24, 2008.
- BETEMPS, L.R. **A Colônia Francesa de Pelotas e seus acervos culturais**: memória, história e etnia. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.
- BEUX, A. **Franceses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nação, 1976.
- FENELON, D. R. Cultura e História Social. **PROJETO HISTÓRIA**, n.10, PUC/SP, 1994.
- GRANDO, M. Z. Narração do processo de formação de uma colônia agrícola no Rio Grande do Sul, no século XIX: a Colônia São Feliciano (1861-1880). **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v.7, n.2, 1986.